

Projeto Nacional PHPB – Equipe Regional Pernambuco

Século XX – Tipo de Impresso / Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa Souza e
SILVA, Mauricio Vieira da

- 1 Modalidade: Língua escrita.
- 2 Tipo de Texto: Cartas á Redação (Carta de Leitor).
- 3 Assunto: Carta versando sobre questões filosóficas relacionando homem e tempo perdido.
- 4 Data do documento: 01 de janeiro de 1972.
- 5 Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
- 6 Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa periódico *Jornal do Commercio*.
- 7 Identificação do autor: sem identificação.
- 8 Número de palavras: 714
- 9 Informações levantadas:
- 10 Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XX – Carta de leitor 30.)

Carta Aberta aos que procuram o tempo perdido

Os últimos dias do ano É como | se fossem um relógio do tempo; a | areia esta quase toda no
fundo do | vidro daquele primitivo aparelho | de captar o tempo – perdido – quase | estamos
(ou já estamos) em 72 | pois o tempo é dialético. || E o homem, esse animal meta- | físico se
interroga: Que fizemos? | muito? pouco? Quase nada? Nada? | Essa é a escala de valores da
5 espe- | cie humana, descendente do homo | faber e da atual civilização prome- | teica e
capitalista. || O nosso sistema de referência | é o tempo perdido, quase todos são | arqueólogos
de si mesmo, desco- | brino suas ruínas, ou majestosos | monumentos megalíticos construí- |
dos com andaimes vitais da juven- | tude. || É o passado (o tempo perdido) | que governa cada
vez mais o presen- | te e o futuro, pois é o tempo conhe- | cido e redescoberto, frequentermen- |
10 te redescoberto a maneira proustia- | na, que serve de coordenada para | projeção do homem
no tempo. É | por isso que o “tempo deve parar”. | por que o homem tem mêdo do tem- | po
futuro. || Nem todos tem o direito de pro- | curar o tempo perdido, porque es- | tão perdidos no
espaço e no tempo | alienados temporalmente e espacial- | mente, atados por laços inelutá- |
veis ao contorno existencial, de que | nos fala Ortega y Gasset. || O ano é o tempo cíclico e
15 varia- | do de acontecimentos. O tempo é | quase paradoxal, é uma convenção | como tantas
convenções, e para sur- | prêsa nossa, o tempo se torna con- | creto porque existem o homem e
as | coisas, e então, o tempo se torna | o senhor absoluto do mundo, e por, | isso deve parar,

como queria Al- | dous Huxley. || A existencia é uma dimensão | momentânea do tempo, daí a
nossa | agunstia diante do existir: a tem- | poralidade é inquietante, tão in- | quietante, que não
20 concebemos que | “tudo que nasce é digno de fene- | cer”, como dizia Hegel. A morte é a |
parada brusca do tempo no indivi- | duo, que não deixa totalmente de | existir como matéria;
tanto é, que | Echavarría se referindo a morte | dizia: “Na morte, não morro ocor- | re apenas
que o tempo morre em | mim”. || Se todos fossem visivelmente | lúcidos e menos míopes diante
do | âmago do mundo, que seria da espécie | humana diante do contexto exis- | tencial? Ainda
25 bem, que é só qua- | se o tempo a categoria mais visível | e filosofável pelo senso comum, ca- |
so contrario, não teria publico pa- | ra a mais recente obra de “embe- | lezamento do mundo”.
“Lettre ouver- | te aux Gns Heureaux” (Carta aber- | ta a quem é feliz) de Louis Pauwels. ||
Ainda bem, que a maior parte | dos descendentes do homo sapiens, e o logos não | é uma
dáviva tão comum aos mor- | tais e (i)mortais da civilização tec- | nocrata, ou da afluência; pós-
30 civili- | zação, como queiram adjetivar os | teóricos do progresso das sociedades | humanas. ||
Se por acaso a maior parte | dos White Collas, ou dos Empresá- | rios do complexo industrial-
militar | norte-americano e dos trogloditas dos | abrigos anti-atômicos da civiliza- | ção pós-
industrial despertassem da | ilusão poética da caverna platôni- | ca, e percebessem que todos
esta- | vam sozinhos e nus num mundo tão | feroz, tão primitivo quanto o mundo |
35 pleistocênico; é que, côres, tons | contratonos, e outras nuances escon- | dam um mundo feroz e
competitivo | quanto o mundo proposto por Spen- | cer e Hobbes. O mundo do tempo | perdido,
ou do paraíso perdido de | Milton, é a doce utopia dos cida- | dãos do “Admirável Mundo Novo”.
|| Ainda bem, que nem todos sa- | bem, que no tempo perdido ou re- | descoberto, “vivemos
sozinhos, co- | mo sonhamos.” || P.S. – Perdão leitor, se sou tão | pessimista quanto Huxley e
40 Swift.

